Como disse no meu artigo anterior não sei, nem isso é importante, qual foi a influencia que o meu artigo “Terra de ninguém”, teve no surgimento do trabalho realizado com os Sub-14. Atualmente este escalão tem momentos de avaliação,

com jovens na sua grande maioria detetados na Festa do Minibásquete em Paços de Ferreira, e está muito bem entregue no sector masculino ao Rui Pedro Nazário e no sector feminino à Teresa Barata.

Ainda não consegui compreender as razões pelas quais houve poderes instituídos, que não quiseram, sequer fazer a discussão alargada para equacionar uma eventual alteração das idades dos escalões defendida tanto quanto soube, por muitos clubes, antes da retoma das competições juvenis. O nosso basquetebol continua a ter um problema estrutural. O escalão de Sub-14 é maior, tem bastante mais praticantes, que o escalão de Sub-12. O que quer dizer, que um número significativo de jovens começa a praticar a modalidade apenas aos 13, 14 anos. Se a Festa do Minibásquete, como já sugeri, fosse destinada ao escalão de Sub-11 e o primeiro escalão da modalidade fossem os Sub-13 estas alterações teriam entre outros benefícios, que já apresentei e que agora não vou repetir, a vantagem do processo de observação começar mais cedo e quem sabe se o escalão de Sub-13, não passaria a ser o escalão da formação com o maior número de praticantes. Ganharíamos um ano.

Independentemente da alteração dos escalões, considero que a organização dos campos de observação dos Sub-14, que esperemos que irão contribuir para a tendência de melhoria das prestações das nossas seleções nos campeonatos europeus de Sub-16, Sub-18 e Sub-20, representa uma grande melhoria. Contudo, continuo a pensar que a articulação entre o universo do minibásquete, e as fases subsequentes de observação e formação das seleções de Sub-16, Sub-18 e Sub-20, poderia ser francamente aperfeiçoada e melhorada.